

LITERATURA NO CONTEXTO PEDAGÓGICO: POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES PARA QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

Maria Suely da Costa (UEPB/PROFLETRAS)
mscosta3@hotmail.com

Introdução

Frente ao contexto contemporâneo em que o exercício artístico-cultural associa-se também, em sentido amplo, aos movimentos de preservação e conscientização ecológica, a partir de uma tomada de consciência de situação precária do meio ambiente, neste estudo interessa discutir como a literatura também se caracteriza em ser uma forma atuante e permanente na disseminação de informações e representação de práticas educativas sobre meio ambiente com foco para a dimensão ambiental. Para tanto, o interesse desta discussão está em torno das relações tecidas entre literatura e meio ambiente em obras da literatura popular utilizadas em contexto pedagógico. Nossa reflexão se deteve na análise de obras poéticas de cordel catalogadas com fins de verificar como as formas de expressão literária da cultura popular se relacionam com os processos de construção da identidade cultural da região através da representação do meio ambiente natural, sob uma visão ecológica. De forma mais específica, o interesse esteve em observar nessas obras como a representação do meio ambiente natural contribui para uma formação cultural do sujeito leitor, dentro de um contexto socioambiental.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho foi resultado de uma pesquisa de caráter qualitativo, de modo que a perspectiva quantitativa aparece de forma secundária. Em função disso, fez-se identificação, catalogação e análise do *corpus* de estudo, conforme sua forma de circulação, o folheto impresso e publicações virtuais. A leitura teve por fundamentação estudos teóricos voltados para a relação literatura e ensino, literatura e meio ambiente na perspectiva ecocrítica, literatura e sociedade, incluindo referenciais da teoria, história literária e cultural.

É fato que a mudança da visão sobre os recursos ambientais como algo finito tem relação com a mudança de paradigma que a própria produção do conhecimento vem sofrendo. A concepção de que estamos ligados com todos os indivíduos do mundo, de que as ações praticadas em um dado contexto podem interferir em outros muito distantes, de que a poluição ou devastação ambiental de dado continente ameaça a vida de todo planeta também é possível de se configurarem na literatura. Daí adotar como aporte teórico os estudos da ecocrítica (GARRARD, 2006) que discutem a interdependência, nem sempre óbvia, entre a imaginação humana, em todas as suas formas, e o ambiente. Para tanto, a ecocrítica tende a condensar metodologias das diversas disciplinas, numa perspectiva interdisciplinar, para a análise do fenômeno literário.

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos Conforme Sato (2002, p. 23-24),. Sendo assim, a Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

A pesquisa coletou elementos que reforça a ideia de que a literatura popular pode exercer uma boa influência entre públicos diversos a partir da representação do ambiente

natural e uma posterior reflexão que deve surgir em torno dos problemas encontrados, dos desafios que a sociedade apresenta para aliar atitudes sustentáveis à prática econômica. Considerando que o desafio da sociedade atual está centrado na investigação, na reflexão e na intervenção sobre a natureza, esta produção literária tende a contribuir, pois, na discussão em torno de questões que, sendo atuais, podem ser vistas também a partir da linguagem estética marcada por uma abordagem conscientizadora, portanto, também educativa.

Na relação posta entre literatura e sociedade, adquire destaque o foco sobre questões relacionadas ao meio ambiente social que são tomadas como matéria literária. A compreensão é a que a literatura se inscreve como uma espécie de resposta a uma necessidade inerente ao ser humano, e, neste caso específico, funciona como um mecanismo para despertar a consciência adormecida em matéria ecológica.

Metodologia realizada e resultados obtidos

A pesquisa teve um caráter qualitativo, assim a perspectiva quantitativa aparece de forma secundária. Em função disso, fez-se identificação, catalogação e análise do *corpus* de estudo, conforme sua forma de circulação: o folheto impresso e publicações virtuais. Após identificação de textos que trazem uma representação direta da natureza, o passo seguinte se deu com a leitura e a identificação dos sistemas simbólicos de modo compreender o sistema de significações e de representações culturais atuantes na matéria poética em questão.

Durante o processo de catalogação, buscamos o contato com cordelistas e, com o auxílio da internet, identificamos além de algumas obras publicadas, endereços eletrônicos, -*mails* e/ou telefones, dos autores e enviamos mensagens a todos eles que, ao nos retornar, demonstram o quanto simpatizaram com teor da pesquisa, disponibilizando-se a colaborar.

Quanto à leitura do *corpus*, vale salientar que reunimos mais de cinquenta textos impressos (comprados e/ou coletados junto aos cordelistas através da divulgação da pesquisa a eles por *e-mail* ou mesmo em eventos que participamos) os quais, a primeira vista, pareciam ser úteis, no entanto, ao analisá-los, identificamos que pouco mais de 20 deles é que pontuavam, de fato, a natureza como protagonista. Deste *corpus*, destacamos alguns expostos no texto que segue.

Cordelistas/cordéis catalogados

1. Cleydson Monteiro

Nasceu em 1986, em Pernambuco. É o idealizador do Projeto Viva Cordel (2003). Dentre suas atividades, realiza minicursos e presta assessoria na aplicação de projetos destinados a difusão da literatura de cordel e poesia popular em escolas de Pernambuco e outros estados do Nordeste. Do cordelista Cleydson Monteiro, analisamos diversas obras, porém muitas delas não apresentavam pontos de interesse à pesquisa. Apenas dois cordéis apresentam elementos de ostentação da natureza sob um viés nacional.

1.2 *Preservo a Natureza*

Este poema, publicado em 2010 pela editora Cordéis Imbira, possui 128 versos; foi escrito por Cleydson Monteiro em um projeto com dez crianças. A temática é um convite à conscientização do ser humano sobre as práticas de degradação ambiental e violência sobre a

fauna e flora, mais especificamente, como desmatamento, poluição, maus tratos a animais, dentre outros:

E essa degradação
Que é contra a beleza
Aos poucos vai matando
A nossa mãe natureza

(MONTEIRO, 2010, vs. 33-36)

Durante a leitura do texto, vê-se o quanto a estética do cordel consegue se reinventar e atingir todos os públicos, a ponto de ser construído e trabalhado com crianças que, desde cedo, já podem demonstrar interesse pelas causas ambientais, revelando que a literatura dialoga de uma forma muito particular com questões postas no cotidiano do leitor, a exemplo da causa ecológica, possibilitando que este amplie outras significações.

2. João Gomes Sobrinho (Xexéu)

João Gomes Sobrinho, popularmente conhecido por Xexéu, nasceu em Santo Antônio – RN, em 13 de maio de 1938. Desde criança, já era fascinado pela literatura. Seu encontro com os cordéis se deu quando ele procurava alguém para ensiná-lo a ler e escrever. Aos nove anos, já produzia versos de improviso. Uma das características mais marcantes da obra deste cordelista é a temática centrada na preservação da natureza, de onde ele extrai as suas maiores inspirações. Em 2009, Xexéu foi reconhecido como patrimônio imaterial da cultura popular do estado do Rio Grande do Norte pela Fundação José Augusto.

Do autor, reunimos sete cordéis que, de forma peculiar, retrata a presença do aspecto natural/ambiental por um viés intimista, voltado para a presença do sentimentalismo. Nesse sentido, não temos somente uma oportunidade de análise das críticas expostas à degradação ambiental na obra do poeta, mas também uma representação das influências do meio ambiente sobre o homem, a ponto de correspondê-lo em suas angústias, tristezas, alegrias, etc. A natureza exposta na obra de Xexéu é, portanto, humanizada, ganhando, assim, uma conotação que a aproxima do próprio ser humano.

2.1 A Voz da Tamarineira

O cordel *A Voz da Tamarineira* foi publicado em 2006 durante a programação do 12º Congresso Brasileiro de Folclore, possui 127 versos, tratando da história de uma árvore que, mesmo oferecendo inúmeros benefícios, como sombra, ar puro, lar para os pássaros, é cortada de forma desumana pela “cumadre” que não consegue enxergar a mais perfeita e única companhia que ela tem próxima a sua casa. Conforme a leitura flui, encaramos os traços humanos da alegria, do abandono, do sofrimento e, por fim, da morte da árvore a partir de uma visão particular do poeta que tende a ser compactuada com o leitor:.

Uma árvore no terreiro
Da casa que a gente mora
Além do cheiro da flora
Que ramagem contém
Agasalha o passarinho
Que logo cedo desperta
Para nos dá o alerta
Quando o novo dia vem

(XEXÉU, 2006, vs. 16-23)

Nessa estrofe, são apresentados os benefícios que a árvore traz aos seres vivos. Observa-se a familiaridade que há com esse elemento natural logo no 1º verso ao citar “uma árvore no terreiro”. Na cultura regional, é extremamente comum as pessoas possuírem próximas as suas residências árvores. São comuns também ações governamentais com projetos de arborização nas cidades, o que representa a importância da natureza “viva” para a melhoria do ambiente em vários aspectos. No entanto, não seria apenas motivado pelo utilitarismo climático que a tamarineira ganha *status* de protagonista nesse cordel.

Há nos versos uma abordagem do ponto de vista humano em contraposição ao econômico, ou seja, são duas as formas como o autor do texto nos apresenta a figura principal de sua obra, assim como assinala a 4ª estrofe do cordel:

Tem gente que planta árvore
 Perto da casa que habita
 Pra ouvir a voz bonita
 Suave da plantação
 E tem gente que derruba
 Corta os galhos, faz queimadas
 Para vê-la transformada
 Em pó, cinza e carvão.

(XEXÉU, 2006, vs. 24-31)

O jogo representativo de uns e outros agirem acaba por pontuar um discurso voltado para o despertar de uma conscientização. Se para alguns o elemento natural árvore é capaz de beneficiar o ser humano com uma convivência harmoniosa, para outros, a árvore vem representar apenas um elemento de lucratividade, assim como se vê na questão do desmatamento em regiões como a Amazônia, lugar “onde reside um número de espécies de plantas e de insetos maior que em toda flora e fauna da Europa.” (SALATI, 1983, p. 56)

No ápice da obra, a “maldade traiçoeira” (v. 75) da “cumadre” promove a chacina da tamarineira que, logo após sofrer a ação do machado, cortando-lhe o tronco e assim também todas as formas de vida que ali habitavam, passa a ser descrita pelo poeta a partir da dor e lamentação que o leitor tende a compartilhar:

A bela tamarineira
 Nessa hora agonizante
 Mudou de cor num instante
 Capaz de fazer notar
 Como quem dizia assim
 Deixe em paz minha raiz
 Por todo o bem que te fiz
 Não queira me assassinar

(XEXÉU, 2006, vs. 88-95)

Nesse ponto, a preocupação ecológica se torna tão firme que deixa de ser vista apenas como uma apresentação no texto e passa a dialogar com o leitor, invocando-o a também se comportar como responsável por tais maldades praticadas contra a flora e, a partir disso, se posicionar e lutar para que sejam amenizados os sofrimentos da tamarineira que, a princípio,

parece ser muito particular, mas representa os muitos casos que vemos em regiões verdes, as quais têm sido transformadas em áreas cinzentas, sem vida, marcadas pela morte.

2.2 *A Terra pede Socorro*

No cordel *A Terra pede Socorro*, não constam data e editora. Possui 192 versos. É um cordel convidativo à preservação do meio ambiente, ao tratar de duas realidades distintas, marcadas por elementos do antes e do depois: o ambiente natural de quando o poeta era menino e o que acontece atualmente no planeta. O foco se concentra em destacar as mudanças e os prejuízos pelos quais passou o meio ambiente ao longo dos anos. Em estudo sobre o meio ambiente, BOFF (200, p.132) assinala que:

Hoje, a terra se encontra em fase avançada de exaustão. O trabalho e a criatividade, por causa da revolução tecnológica, da informatização e da robotização, são dispensados e os trabalhadores excluídos até do exército de reserva do trabalho explorado. Ambos, terra e trabalhador, estão feridos e sangram perigosamente.

A partir do exposto, infere-se que os processos que tornam as relações de trabalho (e exploração da natureza) mais rápidas trazem diversos prejuízos ao planeta e ao próprio ser humano. Xexéu destaca essa discussão em *A Terra pede Socorro* à medida que observa e nos apresenta como se intensificaram os problemas ambientais a partir de uma influência humana impensada e focada apenas em um desenvolvimento econômico unilateral, alicerçado em lucro e sem preocupação ecológica:

Onde foi mata sombria
Hoje é solo esturricado

(...)

O homem modernizado
Tem tudo para fazer guerra

(---)

Economia crescente
Ganância pelo poder
Bombas, armas e indústria
Para mais desenvolver
Como salvar-se o planeta
Sem isso retroceder.

(XEXÉU, vs. 103-108)

O discurso que permeia um fazer ecológico não pretende se comportar cegamente e desconsiderar possíveis avanços trazidos pelo desenvolvimento exploratório. A poesia acaba por formalizar uma visão crítica junto ao leitor, chamando-o a encarar também os problemas ambientais, refletir sobre eles e, a partir dessa reflexão, promover a busca pelos meios que os solucionem ou amenizem. Nesse sentido, “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. (CANDIDO, 2011, p. 84)

Candido (2011) reforça a ideia de que quando encontramos uma reflexão do leitor sobre o texto é que obtemos o almejado: a intervenção social. Nesse sentido, é preciso encarar a leitura que Xexéu nos propõe em sua obra sob um viés crítico, formador e transformador. É preciso fazer e fazer-se intervir dentro dessa temática, transpondo-a a realidade e a partir desta apresentar resultados significativos.

3. Abdias Campos

Abdias Campos é poeta, cordelista, violeiro, compositor e declamador. No tema da pesquisa, catalogamos dois cordéis escritos pelo autor: *O Homem, o animal e suas relações* (2006) e *Fontes de Energias Alternativas*(2009).

3.1 *O Homem, o animal e suas relações*

O Homem, o animal e suas relações é um cordel publicado em 2006 pela Editora Folhetaria Campos de Versos, na cidade de Recife/ PE. Possui 192 versos. A obra faz uma retrospectiva à origem do homem na terra, através da teoria criacionista. No texto, não existe nenhum traço sentimental entre o animal (bicho) e o homem. As relações acontecem somente em torno de um interesse, especificamente exploratório ou necessário ao homem. Nesse sentido, o poeta coloca os animais em segundo plano e a relação domador (homem) e domado (animal) é o que mais se faz presente no texto:

Não há nenhum ato falho
No comportamento humano
De utilizar o animal
Pois nisto ele é soberano
Mas tem que cuidar do bicho
Que é pra tê-lo todo ano.

(CAMPOS, 2006, vs. 61-66)

Nessa perspectiva, o poeta apresenta uma relação entre homem e animal que se dá apenas dentro de um contexto – na dominação. Entende-se, pois, que é dever do dono cuidar do animal porque depois ele será necessário novamente, e assim torna-se eternizado esse pensamento. Não que ele seja eminentemente errado ou correto, porque sabemos bem que o animal ainda é utilizado no campo, na agricultura, por exemplo, com essa finalidade. Porém, mas ao observarmos possibilidade discursiva apresentado no texto, veremos que este se volta para uma relação de submissão entre a figura do homem e do animal, o que se percebe pelas funções de comando, do primeiro sobre o segundo, o comandado. Relação essa que o texto recrimina chamando a atenção para os casos de mal trato com os animais.

4. Medeiros Braga

Economista, romancista e poeta, nasceu em Nazarezinho, Estado da Paraíba. Já compôs mais de 50 títulos em cordel. Com uma obra voltada principalmente para a educação política, Braga também publica trabalhos direcionados aos pequenos produtores.

4.1 *O Cordel da Ecologia*

O Cordel da Ecologia está composto por 378 versos. Não constam data e editora de publicação. A obra traz uma espécie de retrospectiva de todo o processo de colonização do Brasil e a partir dele, mostra as interferências do homem no meio ambiente. Contextualizando com a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, por meio do fragmento citado “Todo homem é fazedor de deserto”, Medeiros Braga já aponta o protagonista da ação de degradação ambiental, como desmatamento, queimadas, poluição industrial, poluição automotiva, aquecimento global e tantos outros problemas. Depois de descrever os problemas, o texto assinala que:

Nós temos que ver mais
 Conhecer melhor o tema
 Ter consciência de que
 Compreendendo o dilema
 Partiremos com mais força
 Pra resolver o problema

(BRAGA, vs. 361-366)

Posta a ideia, convém observar que a informação, o olhar crítico sobre o assunto, a consciência da gravidade dos problemas ambientais são os elementos-chave para que se consiga mudar os rumos de gaia (BOFF, 2009). *O cordel da ecologia*, por meio de uma linguagem de regional, de forma simples e compreensiva, trata da problemática que envolve as queimadas, os adubos orgânicos, o desmatamento e o efeito estufa. Ao leitor é deixada uma mensagem de reflexão sobre os problemas do meio ambiente e possíveis soluções.

5. Antonio Carlos de Oliveira Barreto

Professor, poeta e cordelista, Antônio Barreto nasceu na Bahia. Apaixonado pela cultura popular, já publicou mais de cem cordéis, abordando diversos temas, dentre os quais, se inserem em nossa pesquisa: *Buchada de Bode* (2012), *O Passarinho que foi aprisionado na cidade grande* (2004), *O Diálogo do Meio Ambiente com a Poluição* (2009), *Canto Lírico de um Sertanejo* (2005) e *A Consciência Ecológica que nossos filhos precisam ter* (2007).

5.1 *O Diálogo do Meio Ambiente com a Poluição*

O cordel *O Diálogo do Meio Ambiente com a Poluição* foi publicado em 2009, em Salvador. Não consta editora. Possui 144 versos. O texto instiga, logo a partir do título, um questionamento por parte do leitor: o que poderiam conversar o meio ambiente e a poluição? Nesse cordel, é possível presenciar um diálogo entre eles, constatando os problemas pelos quais passa o planeta e identificando o vilão da história – o próprio homem, que não cessa a desarmonia que provoca em seu meio natural. No texto, há um discurso de conscientização para o leitor, envolto de críticas que suscitam e despertam para uma urgente tomada de decisões em torno de um olhar voltado para ações efetivas:

POL – Meu nome, todos já sabem:
 Me chamo poluição
 Quero destruir a Terra
 Porque é minha missão

E com o Meio Ambiente
Eu não quero união

(...)

M.A – Devagar, Poluição
Não seja devastadora
Vou lhe dar pasta de dente
Vaso de lixo, vassoura
Sabonete, água limpa
Consciência duradoura...

(BARRETO, 2009, vs. 07-12)

Dentre os textos de cordel catalogados, esse é o que mais prioriza o debate irônico e eminentemente crítico a partir dos dois grandes agentes historicamente relacionados nesse contexto de preservação e degradação ambiental: o próprio meio ambiente e a poluição. No decorrer do texto o homem é posto como vilão principal, na condição do que faz com que a poluição exista, neste caso, a crítica se sustenta no fato de que o homem ocupa brilhantemente papel na história, “o homem, enquanto ser único, capaz de responsabilidade, é responsável por aquilo que faz”. (Morin apud H. Jonas, 2005, p. 19).

6. Assis Coimbra

Assis Coimbra, paulista, é um grande divulgador da cultura popular e possui um profundo contato com a natureza em sua obra, a ponto de assumir sua condição de ambientalista.

6.1 A Marcha da Humanidade e a Degradação da Natureza

O folheto *A Marcha da Humanidade e a Degradação da Natureza* foi publicado em 2008 pela Editora Luzeiro. Possui 656 versos. Assis Coimbra traz, neste cordel, uma breve retrospectiva histórica, desde os primeiros habitantes do planeta e do Brasil até o ápice da Revolução Industrial, que começa a apresentar/reunir prejuízos ambientais. Nesse sentido, observa-se que o homem é o principal causador da poluição e degradação do meio em que habita, à medida que volta o seu olhar para o desenvolvimento econômico e fecha os olhos para um crescimento aliado à sustentabilidade, que seria o passo ideal para que houvesse um equilíbrio entre as partes – indústrias e meio ambiente:

O homem constrói cidades
 Achando-se inteligente
 Mas lhe faltou preparo
 De projetar mais pra frente
 E assim ele não viu
 Que foi dele que partiu
 A degradação presente

(COIMBRA, 2008, vs. 637-643)

O cordel acaba por pontuar a reflexão de que é importante que haja uma relação de consciência entre sociedade e meio ambiente em função da vida, ameaçada por inúmeras circunstâncias as quais, historicamente, aconteceram no planeta por interferências humanas na corrida pelo desenvolvimento econômico.

7. Juarês Alencar Pereira

Nascido em Exu – PE, o poeta e historiador Juarês Pereira desenvolve atualmente trabalhos de divulgação da literatura de cordel em escolas públicas através de textos voltadas para temáticas educativas. Encontramos seus textos em circulação na internet; dentre os quais catalogamos a obra *Salve a natureza* (2011).

7.1 *Salve a Natureza*

Publicado no próprio *blog* do cordelista em 2011, o texto já deixa claro em seu título o apelo que será feito durante grande parte dos versos, através da utilização de verbos no imperativo, construindo a sensação de que o leitor conversa diretamente com o texto. A proposta é a de que, a partir dele, empreendam-se algumas mudanças de comportamento que, neste caso, estão ligados ao meio ambiente e, de forma mais restrita, à natureza brasileira, com toda a sua riqueza de fauna e flora, representada pela Amazônia:

Neste cordel eu apelo
 A todos de coração
 Vamos juntos nesta luta
 Em prol da preservação
 Faça logo sua parte
 Não polua, nem desmate
 Dê sua contribuição.

(PEREIRA, 2011, vs. 01-07)

De linguagem simples e direta o poeta manda seu recado de teor ecológico ao leitor, o qual tende a ser um público amplo e diversificado se consideramos o suporte textual. O cordel, que antes era apenas apresentado em feiras e recitado em eventos organizados pelos próprios cordelistas, hoje se encontra em um espaço que pode ser considerado como o mais democrático e difusor de cultura nos mais diversos contextos sociais. Disponível na *internet*, o acesso se amplia podendo propiciar

a qualquer cidadão a leitura e a reflexão sobre as questões que pautam muitos dos textos de cordel na atualidade com fins temáticos voltados para a natureza e sua preservação.

Conclusões

A análise dos textos catalogados nesta pesquisa possibilitou identificar uma preocupação recorrente nos autores da Literatura de Cordel sobre a natureza que, a partir mais especificamente no século XXI, passa a ser vista não somente por uma visão descritiva de suas belezas e características, mas também por uma postura que tende à conscientização do sujeito. Com base no material coletado, é possível dizer que há um compromisso dos cordelistas em não apenas retratar o seu meio ambiente, o espaço em que ele vive sob as múltiplas faces existentes, mas também em trazer um discurso questionador que vai além do que a obra anseia, tendo em vista o acesso do leitor a esse material.

Do ponto de vista da recepção, o leitor vem a ser uma figura determinante para que as mudanças sociais possam ser possíveis, no que se refere à preservação ambiental, ao cuidado no manejo com o solo, ao próprio desenvolvimento econômico aliado à sustentabilidade, bem como à relação entre o ser humano, a fauna e flora a partir da valorização de seus aspectos em torno de uma maior harmonia socioambiental.

O processo de pesquisa também nos propiciou identificar que grande parte da produção em cordel está centrada na região nordeste. Considerando o recorte temático, os autores listados intensificam uma discussão em torno tanto dos problemas ambientais da região quanto dos desafios econômicos aos quais se atrelam o povo diante de eventos ambientais recorrentes (sejam eles provocados ou naturais), como a seca periódica.

É possível verificar na matéria poética dos folhetos catalogados uma representação do meio ambiente a partir de uma conotação que tende a proporcionar (ao leitor) um olhar crítico sobre determinado problema na relação homem e o seu meio, em outros casos, aliado discussão em torno da necessidade do país em impulsionar seu desenvolvimento sem, com isso, abandonar sua responsabilidade ambiental.

Neste contexto, destacam-se cordéis que revelam preocupação com a fauna, dando forma a uma discussão em torno da exploração, prisão e caça de animais silvestres, práticas comuns, criticadas no âmbito social e assim também no campo da literatura popular.

No conjunto, as obras em questão acabam por pontuar aspectos fundadores da teoria ecocrítica em demonstrar a interdependência, nem sempre óbvia, entre o homem e meio ambiente. A compreensão é a de que, ao relacionar aspectos ecológicos à forma dos textos literários, mais do que um alinhamento à tendência contemporânea de religar seres humanos e natureza é uma reafirmação do lugar/ambiente desses seres como parte integrante da natureza. Mais ainda, é chamar a atenção para um cunho idealizador de consciência nas relações estabelecidas com o meio natural no sentido da sustentabilidade.

Refletir sobre tais representações é identificar a literatura de cordel sob uma ótica mais contextualizada, transformadora, comprometida com o social. Para tanto, Implicou ainda buscar compreendê-la inserida em uma ação educativa, voltada para a construção de uma sociedade comprometida com os aspectos relacionados à qualidade

vida humana e do planeta. Nesta perspectiva, tem-se a literatura sob uma função social, uma vez que ela fixa seu tempo, deixando ali marcas do momento que vivemos, e, neste processo, é capaz de ampliar a capacidade de concentração, memorização, raciocínio e reflexão, além disso, em alguns casos, também de incentivar e motivar aqueles que precisam de exemplos a ser seguidos (CULLER, 1999).

As contribuições desta pesquisa para os estudiosos do assunto se revelam latentes quando divulgamos não somente uma série de cordéis que tratam dessa representação sob uma visão crítica, mas também por entender que os textos literários contribuem não só para enriquecer as leituras, ao compreender o universo no qual se vive por meio dos múltiplos discursos inerentes às relações socioculturais implícitas nas questões a respeito do homem na relação com seu meio, mas também, em âmbito social, para despertar as consciências adormecidas em matéria de ecologia.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *A opção – Terra: A solução para a terra não cai no céu*. Rio de Janeiro – RJ, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e Crítica Literária*. 12ª Edição revista pelo autor. Rio de Janeiro – RJ. Ouro sobre azul. 2011.
- CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. Traduzido por Claudia Sant’Anna Martins. 1ª Ed. São Paulo. Gaia, 2010.
- CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância? In: *Teoria Literária: Uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.
- CRUZ, Eurivan R. *A Natureza e o homem na literatura brasileira*. 1ª Ed. Curitiba. Editora Appris, 2011.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília. Editora UNB – Universidade de Brasília, 2006.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão de tradução Suely Rolnik – 21ª Edição. Campinas – SP: Papyrus, 2012.
- JODELET, D. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 200
- LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro – RJ. Edições Adaga. São Paulo – SP. Editora Luzeiro, 2012.
- MAGALHÃES, Belmira. *O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história*. In: *Leitura*. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL, 2005.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *Discursos e identidades*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*. Tradução de Renato Carvalheira do Nascimento e Elimar Pinheiro do Nascimento. Rio de Janeiro. Ed. Garamound, 2008.
- SATO, M. *Educação Ambiental*. São Carlos: Rima, 2002.
- VIEIRA, Suzana da Rocha. A educação ambiental e o currículo escolar. *Revista Espaço Acadêmico*. Ano VII, nº 83, abril, 2008.